



A religião Cristocêntrica como possibilidade de reconciliação diante do *divertissement* em Blaise Pascal

The Christocentric religion as a possibility of reconciliation before divertissement in Blaise Pascal

Breno Silva Martins

Resumo

O presente artigo pretende mostrar uma possibilidade de reconciliação do homem diante de suas insuficiências e misérias, isto é, diante do *divertissement*. O caminho antropológico, indicado pela antropologia pascaliana, traz à luz um homem paradoxal e desproporcional à natureza, tanto à sua mesma quanto à natureza como mundo físico que se percebe decaído de um primeiro estado sobrenatural de comunhão com Deus. Neste sentido, a vida cristã transmite ao homem um desprezar-se para amar o Cristo Mediador, que é o Deus que o homem consegue se aproximar porque foi o Deus que assumiu as misérias e a insuficiência humana e, por isso, o homem não se desespera. A religião, no pensamento pascaliano, tem, por assim dizer dois objetivos: demonstrar a corrupção da natureza humana e difundir a redenção desta por intermédio do Cristo Mediador. O Cristo é o “homem com o ser infinito” que repara as ofensas dos “homens finitos”. O remédio Jesus Mediador é um Deus onipotente, onipresente e onisciente que assume para si as contradições humanas.

Palavras-chaves: Pascal. *Divertissement*. Cristo. Reconciliação.

Abstract

This article intends to show a possibility of reconciliation of man in the face of his shortcomings and miseries, that is, in the face of *divertissement*. The anthropological path, indicated by Pascalian anthropology, brings to light a man who is paradoxical and disproportionate to nature, both to himself and to nature as a physical world that perceives itself fallen from a first supernatural state of communion with God. In this sense, the Christian life transmits to man a despise of himself in order to love the Mediator Christ, that it is the God that man can approach because it was the God who assumed human misery and insufficiency, and therefore man does not be foreathed. Religion, in Paschal thought, has, so to speak, two



objectives: to demonstrate the corruption of human nature and to spread its redemption through the Mediator Christ. Christ is the "man with the infinite being" who reeses the offenses of "finite men." The remedy Jesus Mediator is an omnipotent, omnipresent and omniscient God who assumes human contradictions for himself.

Keywords: Pascal. Divertissement. Christ. Reconciliation.

Introdução

Blaise Pascal nasceu em Clermont-Ferrand, França, em 19 de junho de 1623, e demonstrou ser um gênio desde cedo. Ele escreveu "Tratado sobre as Crônicas" aos 16 anos, inventou a calculadora aos 19, realizou experiências sobre os vácuos aos 23 e desenvolveu a "Geometria do Acaso", que levou à criação do "Triângulo de Pascal", aos 29. Um de seus últimos trabalhos científicos foram o "Tratado sobre as Potências Numéricas", que pavimentou o caminho para a descoberta do Cálculo Integral por Leibniz e Newton posteriormente.

Após sua irmã entrar para o convento, Pascal se interessou por discussões teológicas e se juntou aos jansenistas aos 30 anos. Ele começou a escrever trabalhos apologéticos, incluindo "Memorial", "Colóquios com o Senhor Saci sobre Epiteto e Montaigne" e "As Províncias". Seu trabalho mais conhecido e influente foi "Pensées". Pascal sofria de problemas de saúde devido aos seus experimentos científicos e faleceu aos 39 anos em 1662.

Neste ano comemora-se 400 anos do nascimento de Blaise Pascal. Tempo oportuno para apresentar a contemporaneidade com seu pensamento sobre o homem, o mundo e Deus, visto que Pascal, longe de estar ultrapassado, se mantém atual e extremamente necessário. Por isso, o objetivo do trabalho visa apontar uma possibilidade de reconciliação do homem diante de suas insuficiências e misérias, isto é, diante do *divertissement*.¹

O caminho antropológico, indicado pela antropologia pascaliana, traz à luz um homem paradoxal e desproporcional à natureza, tanto à sua mesma quanto à natureza como mundo físico, que, devido a um evento histórico, se percebe decaído de um primeiro estado sobrenatural de comunhão com Deus. Em consequência disso, o homem se vê "como pesadelo, padecimento, inquietude, agonia, pesar, tortura, desolação, tédio e sofrimento".² Neste sentido "o *divertissement* se tornaria o motor para suportar a vida sem Deus",³ isso quer dizer que: o homem não consegue ir até Deus por contra própria e por causa disso se diverte não sendo ele mesmo e criando imagens ilusórias de si mesmo frente aos outros.

Contudo, a questão da possibilidade de reconciliação do homem diante das suas misérias expressas no mecanismo do *divertissement* e nas suas realidades paradoxais é extremamente problemática no pensamento pascaliano. Alguns também tendem a "encontrar", em Pascal, soluções e reconciliações fora de uma perspectiva teológica, de modo que, em tais opiniões,

¹ Sobre o *divertissement* indica-se a leitura do artigo enviado a revista filoteológica: *O CONCEITO DO DIVERTISSEMENT: REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE A ANTROPOLOGIA DE BLAISE PASCAL*.

² MANTOVINE, R., Limites da apologia cristã, p. 106.

³ MANTOVINE, R., Limites da apologia cristã, p. 106.

adotar as presentes perspectivas é o mesmo que cometer suicídio intelectual. Mas, ao tentarem fazer tamanha façanha, estão traindo em mais alto grau possível o pensamento filosófico de Pascal.⁴

A afirmação anterior indica que não tem como deixar de lado os aspectos teológicos no que se refere ao pensamento de Pascal. Contudo, adotar explicações teológicas não quer dizer, de modo algum, abandonar o uso da razão, mas ao contrário, as argumentações filosóficas, com perspectivas teológicas, contêm, no pensamento pascaliano, um alto grau de razoabilidade e coerência filosófica.⁵ Sendo assim, para melhor compreensão do conteúdo proposto, o artigo será dividido em duas partes como um caminho a ser feito, de modo que a primeira parte (o caminho do autoconhecimento de própria miséria) implica necessariamente a segunda (a religião como detentora do remédio para reconciliação).

1. O Caminho do Autoconhecimento da própria miséria.

No ano de 1660, Pascal ministra aulas a um jovem que futuramente irá exercer um grande cargo social.⁶ O filósofo francês começa o discurso contando a história:

(...) de um homem que é jogado pela tempestade numa ilha desconhecida, cujos habitantes estavam com dificuldades em encontrar seu rei, que se havia perdido. Aparentando muita semelhança de corpo e de rosto com esse rei, esse homem é tomado por ele e reconhecido nessa qualidade por todo esse povo. De início, não sabia que partido tomar, mas finalmente resolveu se prestar à boa sorte. (...) deixou que esse povo o tratasse como rei.⁷

O filósofo enriquece a história concluindo que no interior do homem existia, devido à realidade em que se encontra, um duplo pensamento: o primeiro pela sua maneira de agir como rei, ou seja, sendo aplaudido e venerado pelos seus súditos e o segundo pelo qual reconhecia sua verdadeira condição, visto que somente o acaso o tinha posto naquela posição e nada mais.⁸ A história narrada por Pascal simboliza a realidade humana em relação a sua existência, por isso a angústia existencial (*ennui*) conjugada ao *divertissement*.

A intenção de Pascal ao ministrar esses discursos para o jovem é propriamente fazê-lo perceber que sua existência é miserável: “Que o homem, voltado para si próprio, considere o que é diante do que existe; que se encare como um ser extraviado neste canto afastado da natureza, e

⁴ PONDÉ, L. F., Conhecimento na desgraça, p. 62.

⁵ LEBRUM, G., Blaise Pascal, p. 15.

⁶ Blaise Pascal proferiu três discursos para o filho do duque de Luynes, que futuramente seria o duque de Chervreuse (1646-1712), como parte da educação política e diplomática do menino. Embora Pascal não escreveu pessoalmente esses discursos (esse trabalho foi feito por um ouvinte que estava na sala enquanto Pascal ensinava o garoto) eles representam bem as suas opiniões e pensamento no que diz respeito a condição do homem. Esses discursos foram publicados uma década depois da morte de Pascal, isto é, em 1672. PASCAL, B., Três discursos sobre a condição dos grandes. In: PASCAL, B., Do espírito geométrico.

⁷ PASCAL, B., Do Espírito Geométrico, p. 61.

⁸ PASCAL, B., Do Espírito Geométrico, p. 61.

da pequena cela que se ache preso, isso é, do universo, aprenda a avaliar seu valor exato”.⁹ Esse valor exato é sentido pelo pseudo rei, ou seja, alegra-se por causa das estimas recebidas do povo e depois se lembra de sua condição verdadeira e se entristece porque não é rei. Assim, sua felicidade está baseada em uma mentira. Ele sabe quem é, e também sabe o que o levou para aquela posição “privilegiada”: a mentira.

Pascal, de forma alguma, queria insinuar que o filho do duque era ilegítimo para o poder, visto que essa é a diferença dele com o pseudo rei da história contada. Contudo, queria fazer brotar as suas considerações sobre o homem no que diz respeito à insuficiência e à sua contingência, isto é, deixar claro que todos os títulos de privilégios não foram criados pela natureza, mas são apenas instituições humanas.¹⁰ Todos os status sociais, cargos públicos ou posições privilegiadas ocupadas pelos homens são todas convenções sociais, isto é, criação do homem. Tais méritos não são naturais aos homens e muito menos fazem parte de sua essência.

O propósito de lançar e indicar argumentações no campo pertencente ao espírito geométrico apresentando coerentemente as observações empíricas são, segundo o autor, poder de algum modo enxergar a realidade¹¹ da vida do homem; é poder enxergar a inquietude existencial e consequentemente; é poder enxergar sua miséria. Tais realidades que nenhum homem pode negar se “entrar em maiores indagações acerca da natureza desse eu”.¹²

“É, sem dúvida, um mal ter tantos defeitos; mas é ainda um mal maior estar cheio deles e não querer reconhecê-los, pois é ajuntar-lhes ainda a de uma ilusão voluntária”.¹³ Pascal adota, para seu sistema de pensamento, um viés pragmatista. A teoria-filosófica de Pascal só tem validade se estiver vinculada às vivências do homem; isso é o mesmo que dizer: o campo conceitual contingente só tem validade na concretude do empírico, assim como a concretude do empírico faz o homem elaborar sobre si um campo conceitual. É por isso que no início do parágrafo Pascal condensa veementemente o não reconhecimento de si.

Nesse sentido, é na labuta do viver o dia-a-dia que o homem se percebe diante de suas misérias, e quando se reconhece miserável em alguma medida ele é grande, como explica Pascal: “O homem sabe que é miserável. Ele é, pois, miserável, de vez que o é; mas é bem grande, de vez que o sabe”.¹⁴ A grandeza do homem está vinculada em aspectos puramente epistemológicos: *Reconhecer*.

A intuição pascaliana de “reconhecer-se miserável é perceber-se grande” tem especificamente um vínculo lógico. O homem que se acha grande, isto é, autossuficiente, dificilmente encontra sua insuficiência e suas limitações a ponto de se enveredar por caminhos orgulhosos e ilusórios sobre si mesmo, tal pessoa é realmente miserável.¹⁵ Por outro lado, quando

⁹ PASCAL, B., Pensamentos, p, 55.

¹⁰ PASCAL, B., Pensamentos, p, 62.

¹¹ Isso se dá mesmo em um campo epistemológico contingente e desgraçado.

¹² Os fragmentos 72 e 100 dos pensamentos traz uma boa visão desses aspectos. (PASCAL, B., Pensamentos, p. 50; 64).

¹³ PASCAL, B., Pensamentos, p. 65; Br. 100.

¹⁴ PASCAL, B., Pensamentos., p. 135; Br. 416.

¹⁵ “A maior baixaza do homem é a procura de sua glória” (PASCAL, B., Pensamentos, p.133; Br. 404).

o homem se percebe miserável e insuficiente,¹⁶ não seria grande por entender a atual posição de sua vida? Não seria ele aberto a toda e qualquer ajuda que possibilita uma explicação ou até mesmo uma cura sobre sua condição?

Esse é o caminho pedagógico elaborado por Pascal quando disse ao filho do duque:

Se o pensamento público o eleva acima de comum dos homens, que o outro (o pensamento sobre a sua verdadeira condição) o rebaixe e o mantenha numa perfeita igualdade com todos os homens, não se desconheça a si mesmo, acreditando que seu ser tem algo de mais elevado que o dos outros.¹⁷

Pascal chama o homem à responsabilidade de tornar-se aquilo que é enxergando a si mesmo. Contudo, não se enxerga a miséria, no pensamento pascaliano, diferente da visão agostiniana,¹⁸ olhando para dentro, mas para fora: “podem, pois, os filósofos, dizer: ‘concentrai-vos em vós mesmos e aí encontrareis o vosso bem’, que não acreditamos neles e os que acreditam são os mais vazios e tolos”.¹⁹

Portanto, o ato de olhar para fora e reconhecer sua miséria se torna grande, isso não quer dizer uma reconciliação propriamente dita, mas uma abertura para a busca dessa, em uma realidade necessariamente sobrenatural ou transcendente. Essa abertura para uma reconciliação provinda de uma conjuntura transcendental, por se perceber miserável, é a grandeza do homem para Pascal. A grandeza aqui tem um sentido de abertura e busca de sarar as misérias, visto que agora o homem as percebe. É pensando nessa busca e abertura que se entrará no segundo tópico do capítulo.

2. A Religião cristocêntrica como remédio para o *divertissement*.

A religião, para o matemático, tem um lugar singular em seu sistema de pensamento. É justamente por isso que ele afirma: “é preciso começar por mostrar que a religião não é contrária à razão, (...) é venerável; torná-la respeitável e; em seguida, amável (...). Venerável, *porque conheceu bem o homem*; amável, porque lhe promete o verdadeiro bem”.²⁰ Por isso, todos aqueles que combatem a religião cristã nunca a conheceram verdadeiramente²¹ ou a odeiam e a desprezam porque eles temem que ela seja verdadeira²² em relação à sua teoria explicativa das misérias humanas; isso se dá porque a religião *conheceu bem o homem*.

¹⁶ “somos apenas mentira, duplicidade, contrariedade, escondendo-nos e disfarçando-nos de nós mesmos”. (PASCAL, B., Pensamentos, p. 129; Br. 377).

¹⁷ PASCAL, B., Do Espírito Geométrico, p. 63.

¹⁸ Parece que Deus não está tão no interior do homem para Pascal como pensava Agostinho. (PONDÉ, L. F., Conhecimento na desgraça, p. 69).

¹⁹ PASCAL, B., Pensamentos, p. 152; Br. 465.

²⁰ PASCAL, B., Pensamentos, p. 83; Br. 187. Grifo nosso.

²¹ PASCAL, B., Pensamentos, p. 84; Br. 194.

²² PASCAL, B., Pensamentos, p. 83; Br. 187.

A religião, no pensamento pascaliano, tem, por assim dizer, dois objetivos: demonstrar a corrupção da natureza humana e espalhar a redenção desta por intermédio do Cristo Mediador. A corrupção humana se dá por causa do pecado original que separou o homem de Deus e a redenção em Jesus Cristo se dá pelo mistério da encarnação de Deus por amor ao homem. Uma proposição implica necessariamente a outra: não se pode considerar somente a corrupção e nem somente a redenção. Pois, o reconhecimento da corrupção verdadeira da natureza faz o homem se abrir à grandeza da redenção, de modo que: “tudo que nos importa conhecer é que somos miseráveis, corruptos, separados de Deus, mas resgatados por Jesus Cristo”.²³

É de suma importante perceber que além do forte aspecto epistemológico presente no fragmento citado, há também um forte indicativo que as respostas para os conflitos dos homens não estão neles mesmos, como se vê de maneira mais clara neste fragmento:

É em vão, ó homens, que procureis em vós mesmos remédio para vossas misérias. Todas as vossas luzes só podem chegar a conhecer que não é em vós mesmos que descobrireis a verdade e o bem. Os filósofos prometeram-no, mas não puderam fazê-lo: não sabem qual é o vosso verdadeiro bem, ou qual o vosso verdadeiro estado. Como poderiam dar remédio aos vossos males, se nem ao menos os conheceram?²⁴

O remédio para o homem não vem da via natural, como já se viu anteriormente, e agora também se constata, de maneira clara, que o remédio não está no próprio homem, mesmo ele sendo, no pensamento pascaliano, sobrenatural. O remédio, para o homem, apresentado por Pascal, vai ao seu encontro por meio da religião cristã.

É justamente por isso que a religião é importante no sistema de pensamento de Pascal, nela está o remédio para os homens, ela guia o homem até suas reconciliações: “A religião (...) nos ensinará o nosso bem, os nossos deveres, as fraquezas que nos desviam, as causas dessas fraquezas, os remédios que podem curá-las”.²⁵ Tal remédio transmitido pela a religião aos homens do mundo inteiro é o Cristo mediador.

A causa das misérias dos homens se dá devido a sua separação com Deus. Assim, para que o homem possa sarar suas misérias é preciso se unir novamente a Deus. Tarefa esta que o homem é incapaz de fazer sozinho, ou por si mesmo, pois, como uma criatura finita poderia reparar uma ofensa feita a um ser infinito? É justamente aí que consiste na singular presença do Cristo Mediador.²⁶

O Cristo é o “homem com o ser infinito” que repara as ofensas dos “homens finitos”. O remédio Jesus Mediador é um Deus onipotente, onipresente e onisciente que assume para si as misérias dos homens e suas realidades paradoxais. Pois, como o homem se torna orgulhoso se não conhecer a Deus sem antes conhecer a própria miséria, também o homem se desespera se conhecer a própria miséria sem também conhecer a Deus. Assim: “O conhecimento de Jesus Cristo encontra-se no meio, porque nele encontramos Deus e nossa miséria. (...) é o Deus no qual

²³ PASCAL, B., Pensamentos, p. 176; Br. 560.

²⁴ PASCAL, B., Pensamentos, p. 140; Br. 430

²⁵ PASCAL, B., Pensamentos, p. 140; Br. 430.

²⁶ “Consiste em conhecer que há uma oposição invencível entre Deus e nós e que, sem o mediador, não pode haver comércio” (PASCAL, B., Pensamentos, p. 153; Br. 470).

nos aproximamos sem orgulho e diante do qual nos abaixamos sem desespero”.²⁷ Por isso que nada se deve considerar sem Ele.

No pensamento pascaliano o homem precisa conhecer²⁸ suas misérias na pessoa de Jesus Cristo e a partir daí considerar a si mesmo e os outros através da ótica cristã:

Tudo aquilo que está nos homens é abominável, e como Deus não considera os homens senão pelo Mediador Jesus Cristo, os homens também não deveriam olhar nem os outros nem eles mesmos senão mediados por Jesus Cristo porque se nós não passamos pelo meio, não encontramos em nós senão verdadeiras infelicidades, ou prazeres abomináveis; mas se consideramos todas as coisas em Jesus Cristo, encontraremos toda consolação, toda satisfação, toda edificação.²⁹

Agora a vida do homem não é mais egocêntrica com todo aquele amor voltado para si mesmo, mas agora é cristocêntrica. Todo aquele amor vai continuar amando um homem, a única e principal diferença é que esse homem não é mais a si mesmo, ou melhor dizendo, o “eu criado”, mas Jesus Cristo, um homem-Deus. O *Divertissement* como resposta à procura da felicidade, à busca de repouso e ao horror da morte é substituído por outra resposta mais eficaz e verdadeira, ou seja, Jesus Mediador. Só a religião Cristã é capaz de dar ao homem, por meio da Graça de Deus, caminhos para alcançar felicidades como beatitudes, duradouras e permanentes, caminho este que traçaram os santos e que, para Pascal, são testemunhas que legitimam sua teoria a respeito da felicidade dos homens.

Outra questão entendida como realidades superiores é o repouso que o homem tanto procura na sua vida. O repouso é a felicidade como beatitude,³⁰ isto é, diz respeito às realidades espirituais. Sendo assim, qual é a única realidade espiritual que o homem pode ter acesso? Jesus Mediador! É só através de Jesus que o homem encontra o repouso de Deus e em Deus que tanto procura como um vagante existente desordenado nas agitações.

Por fim, o horror da morte que o homem herdou de Adão também é entendido de outra maneira com a manifestação do Verbo Encarnado, como deixa claro Pascal: “consideramos a morte em Jesus Cristo, e não sem Jesus Cristo. Sem Ele a morte é horrível, detestável e o horror da natureza. Em Jesus Cristo ela é totalmente diferente: é amável, santa e a alegria do fiel. Tudo é doce em Jesus-Cristo, até a morte”.³¹ O que em Adão era desgraça, agora para o homem é graça. A morte depois de Jesus se tornou remédio e cura para as doenças e misérias dos homens.

É importante perceber que Pascal propõe uma nova maneira de enxergar o homem e também sua maneira de viver e se relacionar com as pessoas. Mas essa maneira de viver e de enxergar o homem exige desse mesmo homem uma conversão. É sabido que os aspectos internos dos homens, por estarem desordenados, forjam para si identidades ilusórias como tentativa de superar as misérias sem o Cristo, ou seja: “o homem abre espaço para os efeitos da contingência dentro do espaço psicológico que toma como sendo o campo da constituição do seu próprio ser.

²⁷ PASCAL, B., Pensamentos, p. 163; Br. 527; 528.

²⁸ Conhecer aqui se refere a uma perspectiva contingente visto que assim já se percebe suas limitações e misérias dos homens.

²⁹ PASCAL, B., Ouvres completès, p. 264.

³⁰ PASCAL, B., Pensamentos, p. 137; Br. 425.

³¹ PASCAL, B., Ouvres completès, p. 264.

[Ele] prefere buscar insistentemente esse ser constituído no campo da gratuidade da imaginação”.³²

Diante dessa realidade de homem artífice de si mesmo e da manutenção do mesmo por meio do *divertissement*, a conversão consiste em destruir tudo isso. A conversão é odiar a si mesmo,³³ ter ódio desse “eu imaginário” do qual o próprio homem é artífice. Só assim o homem é capaz de encontrar o “eu verdadeiro” propagado pela religião cristã e proclamado por Pilatos apontando para Jesus: “*Ecce Homo*”.³⁴ Esse é o verdadeiro homem! Não o homem imaginário construído como dispositivo de defesa das misérias humanas, mas o novo Adão que assume todas as misérias do mundo reconciliando todos os homens a Deus.

A religião cristã, para Pascal, é a reelaboração e continuação do judaísmo, visto que em um tempo determinado Deus se manifestou em plenitude em Jesus para um determinado povo e deu a eles um novo sentido, como bem lembra Attali: “A verdade histórica do cristianismo ‘mostra-se pelos judeus e contra os judeus’. Jesus então nada mais fez do que levar a religião judaica a todos àqueles que não a praticavam: ‘para mostrar que os verdadeiros judeus e cristãos têm uma única religião [...] já não há necessidade de profeta: o papel passa a ser desempenhado pela Igreja’”.³⁵ É esse povo antigo que vive há quatro mil anos e que sempre denunciou a maldade dos homens que perdura pelos tempos e continuará perdurando.³⁶

É por essa premissa que os homens, segundo Pascal:

Devem possuir, em si próprios, sentimentos de conformidade com o que ela (a religião) nos ensina; (...) deve de tal maneira ser objeto e centro para onde todas as coisas tendem, que quem conhecer os seus princípios poderá explicar a razão a natureza do homem.³⁷

O fragmento supracitado aponta para uma necessidade do homem de entender os princípios apresentados pela religião. Princípios esses que só podem ser apreendidos pelo espírito de finura, isto é, o coração, visto que, neste campo transcendente o espírito geométrico encontra-se sua limitação.

Deus não é uma evidência natural e nem racional,³⁸ para que o homem, iludido sobre sua condição, possa querer reconhecê-lo. Para o francês, “conhecemos a verdade não só pela razão³⁹ mas também pelo coração; é nesta última maneira que conhecemos os princípios, e é em vão que

³² PONDÉ, L. F., Conhecimento na desgraça, p. 230

³³ PASCAL, B., Pensamentos, p. 156; Br. 485

³⁴ “Eis o homem”. Episódio bíblico que Jesus foi flagelado e humilhado pelos seus conspiradores. Representa aqui a imersão total do Deus na miséria do homem. A expressão latina “*homo*” designa não homem no sentido particular e antônimo de mulher, tal expressão é “*vir*”. “*Homo*” representa um termo universal que diz respeito a todo o gênero humano.

³⁵ ATTALI, Jacques., Pascal ou o gênio francês, p. 266.

³⁶ PASCAL, B., Pensamentos, p. 190; Br. 618.

³⁷ PASCAL, B., Pensamentos, p. 171; Br. 556.

³⁸ ATTALI, Jacques., Pascal ou o gênio francês, p. 245.

³⁹ Aqui Pascal não está dizendo que nesta condição decaída o homem é capaz de conhecer a verdade por si mesmo e por meio da razão. Ele apenas afirma que o homem é capaz da verdade pela razão, mas logicamente isso se dava antes da queda de Adão ou se realiza depois da remissão completa do homem por Cristo.

o raciocínio, que deles não participa, tenta combatê-la”.⁴⁰ É importante ressaltar o espírito de finura como dispositivo humano privilegiado para acessar os princípios sutis da existência.

Os princípios simples são sensíveis ao coração e não à razão,⁴¹ e é justamente por isso que a razão não consegue compreender a condição do homem mesmo.⁴² É ciente disso que Pascal clama ao homem para uma responsabilidade real de conhecer sua verdadeira condição; para tal tarefa, Pascal não está indicado ou se referindo ao conhecimento geométrico e aos raciocínios lógicos, mas ao conhecimento do coração que é a faculdade elevada do homem capaz de apreender e desvelar os princípios primeiros dados pela religião.

Deste modo, é salutar saber entender e distinguir as realidades epistemológicas superiores e inferiores no sistema de pensamento pascaliano. O famoso jargão pascaliano: “quer ser grande? É preciso se reconhecer pequeno!”⁴³ Faz com que a palavra “reconhecer”, que indica uma capacidade epistemológica do homem de extrair algo do intelecto, esteja em um patamar extremamente mais elevado do que as proposições geométricas, porque diz respeito à realidade transcendental da qual só o espírito de finura tem acesso.

Embora o homem, pela sua faculdade, precise reconhecer, no sentido elevado, sua condição através dos princípios fornecidos pela religião, tal inferência não significa que a iniciativa da ação seja primeiramente e suficientemente do homem que sai e capta por si só as sutilezas das verdades de sua existência, isso na visão de Pascal não existe.

O homem só poder “enxergar com o coração” os princípios em voga por pura graça de Deus dada ao homem pelo Mediador.⁴⁴ O homem por si só nada pode fazer. Pascal é fiel e persistente na insuficiência humana, mesmo quando parece que aponta para uma suposta reconciliação das misérias e realidades paradoxais. Devido a isso que tal suposta reconciliação é uma possibilidade porque independe do homem, mas da graça divina. O “reconhecer”, por assim dizer, é abertura a uma possibilidade reconciliatória com o divino.

Assim, a suposta reconciliação do homem, no pensamento pascaliano, frente suas limitações e desproporções, é voltado primeiramente, através da observação empírica especificamente pela constatação do limite da razão diante do universo⁴⁵ e, depois, pelo ódio de si,⁴⁶ ódio desse eu ilusório assumido pelo *divertissement*.

Esse odiar-se é ensinado pela religião há muitos anos. A vida cristã transmite ao homem um desprezar-se para amar o Cristo Mediador, o Deus que o homem consegue se aproximar porque foi o Deus que assumiu as misérias e os paradoxos e por isso o homem não se desespera. A proposta reconciliatória pascaliana é realista e pragmatista, isso quer dizer que, ao passo que se observa a realidade empírica na sua concretude se elaboram conclusões e conhecimentos contingentes sobre sua própria existência. Isso acontece porque constata-se que existe na vida do

⁴⁰ PASCAL, B., Pensamentos, p. 107; Br. 282.

⁴¹ “A fé é Deus sensível ao coração” (PASCAL, B., Pensamentos, p.107; Br. 278).

⁴² ATTALI, J., Pascal ou o gênio francês, p. 245.

⁴³ PASCAL, B., Pensamentos, p. 135; Br. 416.

⁴⁴ “O homem é, pois, fabricado com tanta felicidade que não tem nenhum princípio justo do que é verdadeiro e muitos excelentes do que é falso” (PASCAL, B., Pensamentos, p. 153; Br. 466 e p. 61; Br. 83).

⁴⁵ Diz Pascal: “Eis o meu estado, cheio de fraquezas e incertezas”. (PASCAL, B., Pensamentos, p. 86; Br. 194).

⁴⁶ PASCAL, B., Pensamentos, p. 153; Br. 470.

homem faculdades elevadas que conhece coisas elevadas dadas pela religião e que logicamente aponta para uma perspectiva e até mesmo realidade que perpassa a existência física do homem.

Portanto, quando Pascal aconselha o filho do duque dizendo que: “não se desconheça a si mesmo, acreditando que seu ser tem algo de mais elevado que o dos outros”⁴⁷ ele está lançado a possibilidade para o jovem se perceber em miséria ontológica e perceber na realidade existencial um olhar para o sobrenatural. Sendo assim, a possível proposta reconciliatória de Pascal é: o homem deixar de viver a sua vida, odiando-se, para viver a vida de Cristo, amando-o com toda a força, ou melhor, com todo o coração.

Conclusão

Por fim, o caminho reconciliatório de Pascal para o homem, frente o *divertissement*, está impreterivelmente no âmbito da religiosidade, ou seja, debaixo do aspecto transcendente. Se houvesse uma cura intramundano para o homem diante do *divertissement*, Pascal a teria encontrado; se houvesse alguma forma da felicidade sensível do homem perdurar nesse mundo natural, Pascal teria a encontrado. Ele já teria encontrado por que pertenceu e viveu, antes da conversão, como um libertino, como um desconhecido dos assuntos teológicos.

A questão é entender a sobrenaturalidade ôntica-antropológica da qual nenhum homem pode escapar. O homem é assim, é um ser sobrenatural. Não pertence à via natural e, por isso, suas contrariedades e misérias não podem ser conciliadas por essa via, mas somente pela outra. Por isso, que a reconciliação antropológica só pode vir de uma realidade teológica, caso contrário, são inúteis tais tentativas.

A leitura de Pascal sobre homem é muito atual. A contemporaneidade ainda carrega sequelas dos sistemas de pensamentos nascidos no início da modernidade que nega a religião como uma realidade não mais necessária ao homem e até contrária a razão. Contudo, o fato do homem não abarcar no intelecto todas as verdades da teologia não significa que deva ser desprezado ou desconsiderado pelos homens. Isso apenas evidencia que existem realidades que ultrapassam infinitamente a razão humana.

Neste sentido, Pascal tem razão quando incita o homem a ter dentro de si um duplo sentimento: um de grandeza e um de miséria. Ele sabia que o reconhecimento do homem sobre suas realidades paradoxais lançaria o homem na constatação de sua insuficiência, sendo assim, o jargão “reconheça-se miserável e torna-te grande” é de extrema importância para uma busca de reconciliação no âmbito transcendente religioso no qual só se alcança através do espírito.

Referências Bibliográficas

ATTALI, J. **Pascal ou o gênio francês**. Bauru: EDUSC, 2003.

LEBRUM, G. **Blaise Pascal**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MANTOVINE, R. **Limites da apologia cristã: a razão á procura de Deus em Blaise Pascal**. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.

PASCAL, B. **Do Espírito Geométrico**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

⁴⁷ PASCAL, B., Do Espírito Geométrico, p. 63.



PASCAL, B. **Ouvres complètes**. Paris: Edição Lafuma, 1963.

PASCAL, B. **Pensamentos**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PONDÉ, L. F. **Conhecimento na desgraça**: Ensaio de epistemologia pascaliana. São Paulo: Edusp, 2004.

Breno Silva Martins

Graduado em Filosofia, pelo Instituto de Filosofia e Teologia Santa Cruz (Goiânia).

Bacharel em

Teologia pela PUC-GO.

Especializado em Psicologia e análise existencial pela faculdade de Iguaçú.

E-mail: breno1686@gmail.com

Recebido em: 10/03/2023

Aprovado em: 26/04/2024